

A verdadeira noiva

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez uma moça jovem e bonita, mas sua mãe morrera cedo, e a madrasta lhe causava todo o sofrimento imaginável. Quando lhe dava uma tarefa, por mais difícil que fosse, a moça se punha a fazê-la sem desanimar e fazia tudo o que estava ao seu alcance. Mas com isso não conseguia comover o coração da mulher malvada: ela estava sempre insatisfeita, nunca era o bastante. Quanto mais diligentemente a moça trabalhava, mais serviço lhe davam, e a madrasta não pensava em outra coisa senão em lhe impor um fardo cada vez maior e tornar sua vida bem amarga.

Um dia, disse-lhe:

— Aqui estão doze libras de penas. Você vai retirar delas as partes macias, e, se não tiver terminado até esta noite, uma boa surra estará à sua espera. Pensa que pode ficar sem fazer nada o dia inteiro?

A pobre moça se sentou para trabalhar, mas as lágrimas lhe escorriam pelo rosto, pois bem via que era impossível terminar o serviço num só dia. Quando já tinha um montinho de penas à sua frente e suspirava ou juntava as mãos, aflita, as penas se espalhavam, e ela precisava recolhê-las e começar de novo. Certa vez, apoiou os cotovelos na mesa, escondeu o rosto nas duas mãos e exclamou:

— Não há ninguém na terra de Deus que se compadeça de mim?

Nesse instante ouviu uma voz suave, que dizia:

— Console-se, minha filha, vim ajudá-la.

A moça levantou os olhos, e uma velha estava a seu lado. Ela tomou amigavelmente a mão da moça e disse:

— Conte-me o que a aflige.

Como falava com tanto carinho, a moça lhe contou sua vida triste: impunham-lhe um fardo depois do outro, e ela já não conseguia dar conta das tarefas que lhe davam.

— Se eu não terminar estas penas até esta noite, a madrasta vai me bater; ela me ameaçou, e sei que cumpre a palavra.

As lágrimas tornaram a correr, mas a boa velha disse:

— Não se preocupe, minha filha, descanse; enquanto isso, farei seu trabalho.

A moça se deitou em sua cama e logo adormeceu. A velha se sentou à mesa, junto das penas. Uh! Como as partes macias voavam para fora dos canhões, que ela mal tocava com suas mãos magras! Logo terminou as doze libras.

Quando a moça acordou, grandes montes brancos como a neve estavam empilhados, e tudo no quarto estava limpo e arrumado, mas a velha tinha desaparecido. A moça agradeceu a Deus e ficou sentada em silêncio até anoitecer. Então a madrasta entrou e se espantou com o trabalho concluído.

— Está vendo, sua lambisgoia — disse —, o que se consegue quando se trabalha com diligência? Não poderia ter começado outra coisa? Mas aí está você sentada, de mãos no colo!

Ao sair, disse:

— Essa criatura sabe fazer mais do que comer pão; preciso lhe dar um trabalho mais pesado.

Na manhã seguinte, chamou a moça e disse:

— Aqui tem uma colher. Com ela você vai esvaziar para mim o grande açude que fica junto do jardim. E, se não tiver terminado até esta noite, já sabe o que acontece.

A moça pegou a colher e viu que ela era furada; e, mesmo que não fosse, nunca teria conseguido esvaziar o açude com ela. Pôs-se imediatamente a trabalhar, ajoelhou-se à beira da água, onde caíam suas lágrimas, e começou a tirar água. Mas a boa velha apareceu de novo e, ao saber o motivo de sua aflição, disse:

— Tenha coragem, minha filha. Vá até o mato, deite-se e durma; eu farei seu trabalho.

Quando ficou sozinha, a velha apenas tocou o açude: a água subiu como uma névoa e se misturou às nuvens. Aos poucos, o açude ficou vazio, e, quando a moça acordou antes do pôr do sol e voltou até ali, só viu os peixes se debatendo na lama. Foi até a madrastra e lhe disse que o serviço estava feito.

— Você já devia ter terminado há muito tempo — disse ela, pálida de raiva; mas imaginou uma coisa nova.

Na terceira manhã, disse à moça:

— Lá na planície você tem de construir um belo castelo para mim, e ele deve estar pronto ao anoitecer.

A moça se assustou e disse:

— Como posso realizar uma obra tão grande?

— Não admito contestação! — gritou a madrasta. — Se você consegue esvaziar um açude com uma colher furada, também consegue construir um castelo. Quero me mudar para ele ainda hoje; e, se faltar alguma coisa, por menor que seja, na cozinha ou na adega, você já sabe o que a espera.

Ela expulsou a moça, e, quando esta chegou ao vale, encontrou rochas empilhadas umas sobre as outras; nem com toda a sua força conseguia mover a menor delas. Sentou-se e chorou, mas esperava o auxílio da boa velha. Ela não demorou a aparecer e a consolou:

— Deite-se ali à sombra e durma; eu construirei o castelo para você. Se lhe agradar, poderá morar nele.

Quando a moça se afastou, a velha tocou as rochas cinzentas. Elas logo se moveram, juntaram-se e ficaram de pé, como se gigantes tivessem construído a muralha. Em seguida, o edifício se ergueu, e era como se incontáveis mãos trabalhassem invisíveis, colocando pedra sobre pedra. O chão retumbava, grandes colunas se erguiam sozinhas e se dispunham em ordem, lado a lado. As telhas se ajeitaram sobre o telhado e, ao meio-dia, o grande cata-vento já girava no alto da torre, como uma donzela de ouro com as vestes esvoaçantes. O interior do castelo ficou pronto até o anoitecer. Como a velha fez aquilo, não sei; mas as paredes dos aposentos estavam revestidas de seda e veludo, havia cadeiras com bordados coloridos e poltronas ricamente enfeitadas junto de mesas de mármore. Lustres de cristal pendiam do teto e se refletiam no piso liso; papagaios verdes estavam em gaiolas de ouro e pássaros de terras distantes cantavam docemente. Por toda parte havia uma magnificência como se um rei fosse se mudar para ali.

O sol estava prestes a se pôr quando a moça acordou e o brilho de mil luzes veio ao seu encontro. Ela se aproximou a passos rápidos e entrou no castelo pelo portão aberto. A escada estava coberta de pano vermelho, e o corrimão de ouro estava adornado de árvores floridas. Ao ver o esplendor dos aposentos, ficou parada, como petrificada. Quem sabe por quanto tempo teria ficado assim, se não tivesse pensado na madrasta!

— Ah — disse consigo —, se ela afinal ficasse satisfeita e não quisesse mais tornar minha vida um tormento!

A moça foi avisá-la de que o castelo estava pronto.

— Vou me mudar imediatamente — disse a madrasta, levantando-se de seu assento.

Quando entrou no castelo, teve de pôr a mão diante dos olhos, tão ofuscante era o brilho.

— Está vendo — disse à moça — como foi fácil para você? Eu devia ter lhe dado uma tarefa mais difícil.

Passou por todos os aposentos e examinou todos os cantos, procurando alguma falta ou defeito, mas não encontrou nada.

— Agora vamos descer — disse, olhando maldosamente para a moça. — Ainda precisamos examinar a cozinha e a adega; e, se você esqueceu alguma coisa, não escapará do castigo.

Mas o fogo ardia no fogão, a comida cozinhava nas panelas, a tenaz e a pá estavam encostadas, e os utensílios reluzentes de latão estavam dispostos junto às paredes. Não faltava nada, nem mesmo a caixa de carvão e os baldes de água.

— Onde é a entrada da adega? — exclamou ela. — Se não estiver bem cheia de barris de vinho, você vai se dar mal.

Ela própria ergueu o alçapão e começou a descer a escada; mas mal tinha dado dois passos, o pesado alçapão, que estava apenas apoiado, caiu. A moça ouviu um grito e ergueu depressa a tampa para ajudá-la, mas a madrastra tinha despencado, e ela a encontrou morta no chão.

Agora o magnífico castelo pertencia só à moça. No começo, ela mal sabia o que fazer com tamanha felicidade. Belas roupas pendiam nos armários, os baús estavam cheios de ouro e prata, ou de pérolas e pedras preciosas, e não havia desejo que não pudesse realizar. Logo a fama de sua beleza e riqueza correu o mundo inteiro. Todos os dias apareciam pretendentes, mas nenhum lhe agradava. Por fim veio também o filho de um rei, que soube tocar seu coração, e ela ficou noiva dele. No jardim do castelo havia uma tília verde, e um dia os dois estavam sentados ali, conversando intimamente, quando ele lhe disse:

— Vou para casa pedir a meu pai o consentimento para nosso casamento. Peço que me espere aqui, debaixo desta tília; daqui a poucas horas estarei de volta.

A moça o beijou na face esquerda e disse:

— Seja fiel a mim e não deixe nenhuma outra beijá-lo nesta face. Ficarei esperando aqui debaixo da tília até você voltar.

A moça permaneceu sentada sob a tília até o sol se pôr, mas ele não voltou. Ficou ali três dias, da manhã à noite, esperando-o em vão. Como no quarto dia ele ainda não estava lá, disse:

— Certamente aconteceu alguma desgraça com ele. Vou sair à sua procura e não voltarei antes de encontrá-lo.

Juntou três de seus vestidos mais bonitos: um bordado de estrelas brilhantes, o segundo de luas de prata e o terceiro de sóis de ouro. Amarrou um punhado de pedras preciosas em seu lenço e partiu. Perguntou pelo noivo em toda parte, mas ninguém o tinha visto nem sabia dele. Andou pelo mundo afora, por toda parte, mas não o encontrou. Por fim empregou-se como pastora na casa de um camponês e enterrou os vestidos e as pedras preciosas debaixo de uma pedra.

Passou a viver como pastora, cuidando de seu rebanho, triste e cheia de saudade do amado. Tinha um bezerrinho que acostumou à sua companhia e alimentava na mão; e, quando dizia:

*Bezerrinho, bezerrinho, ajoelhe-se,
não torne a esquecer sua pastora,
como o príncipe esqueceu a noiva
que sob a tília verde se sentava,*

o bezerrinho se ajoelhava e recebia seus afagos.

Depois de ela viver alguns anos na solidão e na tristeza, espalhou-se pelo país a notícia de que a filha do rei ia celebrar seu casamento. O caminho para a cidade passava pela aldeia onde a moça morava, e aconteceu que, um dia, enquanto ela levava seu rebanho para fora, o noivo passou por ali. Ia orgulhosamente montado em seu cavalo e não olhou para ela; mas, ao vê-lo, a moça reconheceu seu amado. Foi como se uma faca afiada lhe cortasse o coração.

— Ah — disse ela —, eu acreditava que ele tivesse permanecido fiel a mim, mas ele me esqueceu.

No dia seguinte ele passou outra vez pelo caminho. Quando estava perto dela, a moça disse ao bezerrinho:

*Bezerrinho, bezerrinho, ajoelhe-se,
não torne a esquecer sua pastora,
como o príncipe esqueceu a noiva
que sob a tília verde se sentava.*

Ao ouvir a voz, ele olhou para baixo e deteve o cavalo. Fitou o rosto da pastora e pôs a mão diante dos olhos, como se quisesse lembrar-se de alguma coisa; mas logo continuou a cavalgar e desapareceu.

— Ah — disse ela —, ele já não me conhece.

E sua tristeza só aumentava.

Pouco depois seria celebrada uma grande festa na corte do rei, durante três dias, e todo o país foi convidado. “Agora vou tentar pela última vez”, pensou a moça. Quando anoiteceu, foi até a pedra sob a qual enterrara seus tesouros. Tirou dali o vestido com os sóis de ouro, vestiu-o e se enfeitou com as pedras preciosas. Soltoou os cabelos que escondia debaixo de um lenço, e eles lhe caíram em longos cachos. Assim foi à cidade, sem que ninguém a notasse na escuridão. Quando entrou no salão intensamente iluminado, todos recuaram, admirados, mas ninguém sabia quem ela era. O príncipe foi ao seu encontro, mas não a reconheceu. Levou-a para dançar e ficou tão encantado com sua beleza que nem pensou mais na outra noiva. Quando a festa terminou, ela desapareceu no meio da multidão e, antes do amanhecer, voltou depressa à aldeia, onde tornou a vestir sua roupa de pastora.

Na noite seguinte, tirou o vestido com as luas de prata e prendeu nos cabelos uma meia-lua de pedras preciosas. Quando apareceu na festa, todos os olhares se voltaram para ela, mas o príncipe correu ao seu encontro e, cheio de amor, dançou só com ela, sem olhar para nenhuma outra. Antes de ir embora, ela teve de prometer que voltaria à festa na última noite.

Quando apareceu pela terceira vez, usava o vestido de estrelas, que cintilava a cada passo; e a faixa dos cabelos e o cinto eram estrelas de pedras preciosas. O príncipe já a esperava havia muito tempo e abriu caminho até ela.

— Diga-me quem você é — pediu. — Tenho a impressão de que a conheço há muito tempo.

— Não se lembra — respondeu ela — do que fiz quando você se despediu de mim?

Então se aproximou dele e o beijou na face esquerda. Naquele instante, foi como se escamas lhe caíssem dos olhos, e ele reconheceu a verdadeira noiva.

— Venha — disse ele —, não fico mais aqui.

Estendeu-lhe a mão e a conduziu até a carruagem, lá embaixo. Como se o vento estivesse atrelado, os cavalos correram até o castelo maravilhoso. De longe já brilhavam as janelas iluminadas. Quando passaram pela tília, incontáveis vaga-lumes voavam entre seus ramos; ela sacudiu os galhos e espalhou seus perfumes. Flores desabrochavam na escada, e dos aposentos vinha o canto dos pássaros de terras distantes. No salão, porém, toda a corte

estava reunida, e o sacerdote esperava para casar o noivo com a verdadeira noiva.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-verdadeira-noiva>